

O ANTIQUÁRIO VARRÃO

Profa. Dra. Maria Lucilia Ruy (USP)

RESUMO:

A importância de ler Varrão se deve ao fato de dicionários, enciclopédias e ensaios acadêmicos estarem repletos de citações de toda ordem sobre as suas observações pertinentes. Ele é um colecionador de antiguidades que proporciona elucidacões de toda ordem, inclusive sobre fatos da historiografia quando nos chegamos de modo lacônico.

Palavras-chave: etimologia; morfologia; gramática; mitologia.

A lenda de Rômulo e Remo nos chega laconicamente. Tomemos a versão estudada por Pierre Grimal:

Les deux jumeaux decident alors de fonder une ville. (...) Romulus çfinit par tuer Rémus, après avoir tracé le sillon de la ville palatine. La ville fut fondée le 21 avril, jour de la fête des “Parilia” (fête de Palés). Selon les chronologies, l’anée etait 754, 752, ou même 772 av.J.-C.¹

O que torna o herói principal de Roma, o filho do deus Marte, um fratricida, inclusive a lenda versa sobre um possível suicídio de Rômulo, por se sentir culpado. No entanto, é preciso levar em conta a importância da fundação de um *mundus*. Se os gregos plasmaram sua ‘pólis’ mimetizando o que há belo no ‘kósmos’, *uma bela ordem, ordenação*, o “mundus” de Rômulo, como um equivalente indo-europeu, como no português o que é não “imundo”, é “o sagrado”, “o intocável”, donde está aí o que há de nefando no ato de Remo. Mas em que base podemos sustentar esta interpretação? Em Varrão, quando é estudado por Mircea Eliade, ao analisar o “Simbolismo do ‘CENTRO’” no *Mito do Eterno Retorno* (p.23):

Encontramos conceitos semelhantes no mundo indo-europeu. Entre os romanos, por exemplo o “mundus” – isto é, a trincheira aberta ao redor do lugar onde uma cidade ia ser fundada - constituía o ponto de encontro entre as regiões mais baixas e o mundo terreno. “Quando o ‘mundus’ é aberto, é como

¹ Os dois gêmeos decidem então fundar uma cidade (...). Rômulo termina por matar Remo, depois de ter traçado um sulco para (demarcar) a cidade palatina. A cidade foi fundada em 21 de abril, dia das festas de Parília [ou Palília] (festa [da deusa] Pales [divindade protetora do parto do rebanho]), Conforme as cronologias, o ano era de 754, 752, ou mesmo 772 a.C. [Os colchetes são nossos]

se fossem abertas as portas dos deuses do inferno sombrio”, diz Varro (citado por Macróbio, “Saturnalia”, 1, 16, 18). O templo itálico ficava na zona em que se dava a interseção entre os mundos superior (divino), terreno e subterrâneo.

O mais curioso é que Varrão é citado via Macróbio, ou seja, indiretamente. Foi através de Macróbio que tivemos a sorte de recolher no século XXI a expressão varroniana, outrora perdida: *Unde et Varro ita scribit: Mundus cum patet, deorum tritium atque inferum quasi janua patet*, traduzido acima por Mircea Eliade. Mircea Eliade detém o conceito de ser excelente indo-europeísta; Varrão, não. O gramático romano não tinha, é claro, a menor ideia do que seria o indo-europeu. *Sob seu trabalho filológico se encontra o Sabino (elementos linguísticos do dialeto sabino), o bibliotecário, o pesquisador laborioso, o curioso universal, o crítico atento e por vezes severo.*²

Como se sabe, a obra de Marcus Terentius Varro (116 – 27 a.C.) nos chegou bem fragmentada, porém, ela foi preservada uma pletora de citações filológicas em série, de Quintiliano a Santo Isidoro, de toda ordem: sobre literatura latina, filosóficas, mitológicas, gramaticais e culturais em geral. O francês A. Michel o sintetiza assim:

*Pour mesurer l'importance et la signification de l'oeuvre de Varron, il convient de ne pas en considered seulement les contenus et les résultats scientifiques. Il faut également en examiner la méthode et les sources. Varron apparait alors comme un médiateur.*³

O indo-europeu, tronco linguístico com ancestral comum há 3.000 anos a.C., foi localizado, ao que tudo indica, ao norte do Mar Negro, entre os Cárpatos e o Cáucaso. Forma uma unidade linguística e religiosa, mas sem se ter constituído um império. Sua expansão se dá sobre a Índia e o Irã, bem como sobre o leste e centro da Europa, donde a dupla denominação. Tornou-se na Itália o grupo ítalo-celta, da composição do latim, osco e úmbrio. O latim continuou nas línguas neolatinas ou novilatinas. A descoberta do sânscrito, um ramo indo-europeu que se fixou Índia, no começo do século XIX, confirmou o conceito de parentesco linguístico, quando foi relacionado ao latim e ao

² *Sous son travail philologique on retrouve le Sabin, le bibliothécaire, le chercheur laborieux, le curieux universel, le critique attentif et parfois sévère.* (p. 19)

³ Para medir a importância e a significação da obra de Varrão, convém não considerá-la apenas os conteúdos e os resultados científicos. É preciso igualmente examinar nela o método e as fontes. Varrão então aparece como um mediador.

grego. A gramática de *Pānini* (séc. IV a.C.) utilizou o texto sânscrito em suas abordagens. A partir dos estudos do indo-europeu, com o estabelecimento do método histórico-comparativo, tornou-se propício o advento da linguística, e, em consequência, a etimologia assumiu uma averiguação de base científica. Um dos aspectos importantes é a possibilidade de se estabelecer uma correspondência entre as línguas irmãs e a matriz. Os estudiosos comparativistas notaram equivalências fonéticas como, por exemplo, no inglês “foot; father”, em latim “pés; pater”, em grego “‘pous’; ‘patēr’”; em sânscrito “pádah; pitá” (MATTOSO CÂMARA, 1970: 31 e D’HAUTERIVE, 1949: EXEMPLOS DE TABLEAU DOS PRINCIPALES CORRESPONDNCES PHONÉTIQUES)

Muito do pensamento de Varrão - apesar de seu total desconhecimento do indo-europeu, o que nem precisaria ser repetido aqui, por isso mesmo é notável - se justapõe ao de Antenor Nascentes, como etimologista; este totalmente fundamentado nos avanços modernos da linguística: *a pesquisa etimológica não é uma aplicação passiva das leis da linguagem... Uma parte muito grande ainda é deixada à imaginação linguística, ao faro do sábio.(p. XIV)...*

A fundamentação científica desta pesquisa linguística se estriba no método histórico-comparativo. À guisa de esclarecimento, vocábulos na língua mãe e nas línguas irmãs, através do exame das transformações de forma – mas não restrito a leis fonéticas, se bem que também observadas certas condições de evolução fonológica – termo usado por se encontrar consagrado, mas aqui está no sentido de mutação, e não naquele sentido puramente positivista.

O filólogo Antenor Nascentes nos legou uma obra científica, com clara intenção expositiva e sem economia de esforços quanto às fontes de consulta. Nas etimologias controvertidas alista os étimos propostos sem tendenciosidade. Não há neste dicionário etimológico quaisquer pressupostos extralinguísticos; portanto, não admitindo nas entrelinhas interpolação de historiadores ou sociólogos, o que está de acordo com o mais recente conceito de estudo etimológico, como orienta Émile Benveniste com o exemplo de *feudum*, termo germânico. Estabelece-se a sua significação: *área semântica ligada a criação de animais* e evita-se a inclusão da digressão histórica. O termo grego *hegeomai* e seu derivado *hegemón* são, para pesquisa lingüístico-etimológica, objeto de averiguação de como se constituiu a noção de *hegemonia*, ou seja, *a relação de autoridade em hegemón e o verbo hegeomai, pensar, julgar*. O historiador que verifique a sua equivalência com *imperium* romano.

Dada às restrições de um trabalho como este nosso, tomaremos apenas o elemento latino *peku como subsídio para pesquisa científica moderna, como é a de Émile Benveniste, que afirma no Sumário do Capítulo 4, volume I: *Para todos os comparatistas... o estudo de *peku com o sentido de riqueza é secundário ou extensão semântica. Com efeito, basta ler Varrão (L.L.) para saber o que se entendia por 'pecunia' em sua época. O gramático romano alistou outros termos ao lado deste: "dos" (dote); "merces" (salário); "multa" (177, multa); "sacramentum" (180, depósito sagrado); "tributum" (181, tributo); "sponsio" (VI, 70, depósito garantindo uma promessa de casamento) (...) Isso significa que pecu e pecunia tem o sentido de "fortuna móvel". À mesma conclusão nos levará a leitura de peculium, cujo traço de "posse pessoal" está em peculo(r), daí, peculatus, "apropriação (fraudulenta) do dinheiro público".*

Benveniste dispõe, no *ÍNDICE DAS PASSAGENS CITADAS*, múltiplas citações varronianas que respaldam o seu "OVOCABULÁRIO DAS INSTITUIÇÕES INDO-EUROPÉIAS", as quais espelham os fundamentos da cultura ocidental a partir da greco-latina. O Dicionário Etimológico de Ernout e Mellet patenteiam muitas de suas etimologias com Varrão. Mattoso Câmara, no capítulo *O mecanismo da flexão portuguesa*, descrevendo o que é flexão e derivação, cita Varrão: *Já o gramático latino Varrão (116-27 a.C.) distinguia entre o processo de 'derivatio voluntaria', que cria novas palavras, e a 'derivatio naturalis', para indicar modalidades específicas de uma da palavra.* (1972: 71)

Passemos a querela, de cunho filosófico principalmente, entre os anomalistas e analogistas. Jean Collart (1954 e 1978) dedicou um longo estudo à obra do gramático Varrão e, por extensão, aos analogistas (Zenódoto de Éfeso, Aristófanes de Bizâncio, Aristarco de Samotrácia), que defendiam o princípio da convenção, ('nómos' / 'thésis'). Eles deram atenção *...aux déclinaisons et aux conjugaisons, rapprochent les paradigmes semblables des paradigmes semblables (Analogie); ils en dégagent des modèles – types et des principes généraux.* (COLLART, Jean, 1954: 135)...às declinações e às conjugações, cotejam os paradigmas semelhantes com os paradigmas semelhantes (Analogia); eles resgatam os modelos – tipos e os princípios gerais.

Os anomalistas sustentavam que por trás das formas numa frase havia uma significação ordenada com sabedoria. Essa ordenação não é convencional, ao contrário, é uma criação da natureza ('phýsis'). Estes estoicos defendiam, mais ou menos, que a arte do conhecimento da linguagem, de aquisição inteiramente natural, não só é nas

abelhas, considerando a sua herança genética de linguagem na sua atividade de trabalho durante a fabricação do mel, como também é uma aquisição genética de linguagem a articulação vocal humana. É a linguagem um dom inalienável para o homem.

Varrão escreveu sobre morfologia nos livros VIII, IX e X do *De Lingua Latina*, e, embora delimitasse o seu *corpus* de pesquisa em torno da língua latina e grega, faz descrições e abordagens tão pertinentes ao estudo lingüístico, apesar de se preocupar com o debate entre anomalia, filósofos de Pérgamo, e analogia, filólogos de Alexandria, que despertou a atenção de estudiosos em geral e, entre nós, Mattoso Câmara Jr., como veremos adiante.

Segundo Varrão, a abordagem de uma língua como um sistema é uma vantagem, porque define o que dela se deve reter na memória. Desse modo, o gramático Varrão, no início do Livro VIII (II, 3), delineia porque existe nas línguas a declinação: termo empregado ao longo de sua abordagem, ora como categoria gramatical para os elementos mórficos do verbo e do nome, ora como elemento de formação ou ampliação lexical, ou seja, radical de uma palavra acrescido de sufixo ou prefixo. Nesta passagem, ele trata das categorias gramaticais, relacionadas indistintamente ao verbo e ao nome:

Declinatio inducta in sermones non solum Latinos, sed omnium hominum utili et necessaria de causa: nisi enim ita esset factum, neque discere tantum numerum verborum possemus (infinitae enim sunt naturae in quas ea declinantur) neque quae didicissemus, ex his, quae inter se rerum cognatio esset, appareret. A declinação foi introduzida na linguagem, não só entre os latinos, mas entre todos os povos, por causa de sua utilidade e necessidade: não fosse assim mesmo, não poderíamos aprender um tamanho número de palavras (realmente, os nascimentos (=as modificações) nos quais elas são declinadas são infinitos). Seria evidente que destas não aprenderíamos aquela conexão natural que existiria entre si das coisas.

Como se vê, Varrão levanta o tema dos universais lingüísticos: a questão do jogo do princípio da economia de que tratou André Martinet (1970). Também aqui estamos diante de termo consagrado e presente nas aulas universitárias e escolares em geral de hoje: *cognatio* – família cognata.

G. Mounin (1967: 95-6) interpreta a passagem acima desse modo: *Ces mêmes déclinaisons, il pose qu'elles sont nécessaires 'en toutes langues', car 'autrement le*

nombre des mots excéderait l'entendue de la mémoire' ce qui est bien apercevoir le jeu du principe d'économie. (grifo nosso)

É importante ressaltarmos a concepção plástica que os gregos imaginaram para a compreensão de um idioma. Conceberam um paradigma de nome na figura de uma linha reta vertical. Nesta não havia nenhuma queda ou afastamento por ser a forma primitiva do 'orthé ptôsis', e em latim: *casus rectus*, *caso reto* (ambos substantivos significam queda, nos dois idiomas) – os demais eram *casus obliqui*, *casos oblíquos*, eram apontados por linhas oblíquas ou inclinadas, por figurarem como desvios da forma original. A expressão *caso reto* está no prumo – o seu risco, como o ponteiro de um relógio em cima do doze, é em pé. Para R. G. Kent, é uma contradição: *The 'casus rectus' is therefore a contradiction in itself.* (1951: 370) Por isso, Varrão escreveu *unde rectus an sit casus sunt qui quaerant, por isso, há quem pergunte se o nominativo (rectus) é caso, ou seja, queda.* (VIII, 16)

No tempo de Varrão não havia a nomenclatura ablativo. É interessante se notar que ao estudo do grego e do latim era dispensado tratamento óbvio quanto ao fato da morfologia grega possuir cinco casos e a latina, seis. Não escapou a Varrão o fato linguístico de o ablativo ser um caso genuíno em latim, no sentido de ser princípio temático latino. Por isso, Varrão não parte do genitivo, que é princípio temático em grego: os gramáticos latinos, historicamente, terminaram por imitar os gregos, que não tinham sexto caso, e ordenaram seus verbetes inadequadamente em nominativo e genitivo.

Ele afirma que partir do nominativo seria não considerar os temas nominais em *a, e, i, o, u*, porque misturaria os grupos flexionais, embora o o diga em meio a conflituosa discussão “analogia / anomalia”. Note que o comentário de Varrão insinua o termo ablativo nos pronomes demonstrativos em ablativo; dito de outro modo, o próprio pronome torna implícito o termo ablativo. *...initium facere oportebit ab sexto casu, qui est proprius Latinus: nam eius casuis [no aparato crítico vem: A. Sp.; cassuis Meu.; for casus his] litterarum discriminibus facilius reliquorum varietatem discernere poterit, quod ei habent exitus aut in A, ut hac terra, aut in E, ut hac lance, aut in I, ut hac clavi, aut in O, ut hoc caelo, aut in U, ut hoc versu. Igitur ad demonstrandas declinationes bíceps via haec. ...deverá iniciar do sexto caso, que é peculiar em Latim: porque pela diferença das letras (hoje diríamos vogais temáticas) deles, poderá discernir mais facilmente a variação entre os restantes, porque eles terminam ou em A, como o ablativo 'terra'(terra), ou em E, como o ablativo 'lance' (prato), ou em I, como*

o ablativo 'clavi'(chave), ou em O, como o ablativo 'caelo' (céu), ou em U, como o ablativo 'versu'(verso). Portanto, para demonstrar as declinações há este caminho, que provém deste duplo ponto de partida. (X, 62)

Alguns dos seus exemplos são *surus* (estaca) / *lupus* (lobo) / *lepus* (lebre) (VIII, 68); *dolus* (dolo, fraude) / *malus* (mau/ mal)(X,51) – nos quais discute nestes diversos pontos a questão do flexionismo casual, ou seja, se se parte apenas do nominativo, há o engano de se abordar estes nomes acima como todos pertencentes a um só grupo em relação paradigmática, quer dizer, sem oposição sistemática, isto é, mais ou menos, agrupando todos os nomes em segunda declinação. Acontece que desta série apenas quatro formam ablativo em -o: *suro*, *lupo*, *dolo*, *malo*, o ablativo de uma delas destoa das demais: *lepus* > *lepore*. Numa outra passagem, Varrão ainda reconhece o tema consonantal implícito no nominativo e explícito em ablativo: *cruX*, -x: *cs* (*cruz*) / *Phryx*, x:gs (*frégio*) (livro IX, 44) – *Quod item apparet, cum est demptum S: nam fit unum cruce, alterum Phryge. (Idem) Do mesmo modo isto acontece, quando se tira (demptum est)⁴ o S: pois uma se torna ablativo 'cruce', a segunda, ablativo Phryge.*

A Profa. Margarida Basílio também admitiu o cunho epistemológico da abordagem de Varrão: *A primeira distinção entre flexão e derivação foi sugerida pelo gramático latino Varrão... Esta distinção, no entanto, não tem sido levada em conta na tradição gramatical subsequente.* (1980: 24)

De fato, não se lê em Varrão 'derivatio' - como está escrito no Mattoso e Margarida Basílio, e sim 'declinatio', mas o mérito da questão é a descrição científica, feita pelo gramático latino perante a sua fonte e a tradição de gramáticos latinos que seguirá sem identificá-la quanto à sua característica legítima, ou seja, distanciada de *O estudo do certo errado.* (CÂMARA JR., 1975: 10)

Portanto, Mattoso Câmara dissecou estas duas divisões do Varrão, que são: 1) com o adjetivo 'voluntaria': significa o procedimento livre, e neste Varrão esclareceu o caráter fortuito do processo, já que as palavras derivadas não se subordinariam sistematicamente a uma quarta proporcional, como *De "cantar", por exemplo, deriva-se "cantarolar", mas não há derivações análogas para "falar" e "gritar" outros dois tipos de atividade da voz humana.* (1972: 71) Isto é, não há precisão no quadro dos afixos, que compõem o processo de ampliação vocabular pela derivação sufixal: ora

⁴ O tema latino verbal ou nominal deve ser identificado por decréscimo – o que é diferente do português que é por acréscimo.

acresce-se um sufixo –mento, ora é o sufixo –ção, como de *judgar* > *judgamento*, mas de *consolar* > *consolação*.

Já na flexão há obrigatoriedade e sistematização coerente. Ela é imposta pela própria natureza da frase, e é ‘naturalis’ no termo de Varrão. (Idem: 72)

Tem razão Mattoso Câmara: apenas com as seguintes passagens ratificam a antecipação de Varrão a Halliday, que propõe, na tradução do Prof. Mattoso “relações abertas”, *que caracteriza o léxico de uma língua em face de sua gramática.* (Ibidem: 72)

Bibliografia

- BASÍLIO, Margarida. *Estruturas Lexicais do Português*. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.
- BENVENISTE, Émile. *O Vocabulário das Instituições Indo-Européias*. Tradução Denise e Eleonora Bottmann. Campinas, SP: Unicamp, 1995. 2 vols.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1986. 3 v.
- _____. *Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- _____. *Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia e da Religião Romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- _____. *Princípios de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.
- CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque: Histoire des Mots*. Paris: Klincksieck, 1999.
- CHEVALIER, J. & GHEERBRANDT, A. *Dicionários de Símbolos*. Trad. Vera Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- COLLART, Jean. *Varron Gramairien Latin*. Paris: Les Belles Lettres, 1974.
- _____. *Varron Grammiare Antique et Stylistique Latine : Recueil offert à Jean Collart par ses Collègues, ses Élèves, ses Amis*. Paris : Les Belles Lettres, 1978.
- DELLA CORTE, Francesco. *La Filologia Latina Dalle Origini a Varrone*. Itália: La Nuova Italia, 1981.
- ELIADE, Mircea. *Mito do Eterno Retorno*. Tradução de José A. Ceschin. São Paulo : Mercuryo, 1992.
- ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire Ethymologique de la langue latine: Histoire des mots*. Paris, Klincksieck, 1985.

- D'HAUTERIVE,, R. Grandsaignes. *Dictionnaires des Racines des Langues Européennes (grec, latin, ancien français, français, espagnol, italien, anglais, allemand)*. Paris : Larousse, 1949.
- GRIMAL, Pierre. *Dictionnaire de la Mythologie Grecque & Romaine*. Paris : Presses Universitaires de France, 1951.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1967.
- MACROBE. *Les Saturnales*. Traduction Nouvelle avec Introduction et Notes par Henri Bornecque. Paris: Garnier, s/d.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. Primeira e única edição.
- ROBINS, R.H. *Pequena História da Linguística*. Tradução de Luiz M.M.de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Général*. Paris: Payot, 1916.
- VARRÃO, M. Terêncio. *De Lingua Latina*. Tradução de Roland G. Kent. London: Page, 1951. Books V-X.